

EDUCAÇÃO E (COM)UNICAÇÃO "NA SOCIEDADE INDIVIDUAL"

EDUCATION AND (COM)MUNICATION "IN THE INDIVIDUAL SOCIETY"

Sandra Mara Vieira Oliveira¹
Eliana Sampaio Romão²

RESUMO: Este ensaio objetiva analisar o papel da Educação na perspectiva da melhoria da condição humana, como prática que ultrapassa os muros da escola, percebendo o ser humano como ser relacional, que se comunica e constrói laços com o outro. A fonte de pesquisa foi bibliográfica. Os principais autores que fundamentaram este trabalho foram: Sujomlinsk, Castillo, Saviani, Wolton, Freire, Arendt, Romão, Aretio e Corbella, dentre outros. A pertinência deste estudo está na possibilidade de pensar a Educação como relação entre seres humanos, através do conhecimento de si e do outro.

Palavras-chave: Educação; Condição Humana; Comunicação.

Abstract: This essay aims to analyze the role of education in the perspective of improving the human condition, as a practice that goes beyond the walls of the school, perceiving the human being as a relational being, communicating and building bonds with the other. The research source was bibliographical. The main authors of this work were Sujomlinsk, Castillo, Saviani, Wolton, Freire, Arendt, Aretio and Corbella, among others. The relevance of this study lies in the possibility of thinking Education as a relation between human beings, through the knowledge of oneself and the other.

Keywords: Education; Human Condition; Communication.

1 Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Doutoranda em Educação, Universidade Federal de Sergipe (UFS); Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço (NUAMSE); E-mail: svsandramara@gmail.com

2 Pós-Doutora pela Universidade do Porto-Portugal; Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Professora Adjunta IV da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Membro do grupo de pesquisa Políticas Públicas, Gestão Sócio Educacional e Formação de Professores (GPGFOP). Sociedade em Rede, Pluralidade Cultural e Conteúdos Digitais Educacionais. E-mail: elianaromao@uol.com.br



Introdução

Este ensaio tem o objetivo de analisar o papel da Educação na perspectiva da melhoria da condição humana, como, aliás, toda educação haveria de ser. O homem se humaniza na medida em que se relaciona com o outro, nos diálogos estabelecidos através das relações que se constroem na sua trajetória de vida. Os espaços onde estas relações se desenvolvem são os mais variados, entre os quais, avultam a família e a escola. Plurívocas são as possibilidades de as pessoas estabelecerem laços que se enlaçam por meio de saberes que se difundem na proximidade ou na distância entre as pessoas envolvidas, nas mais diferentes formas de relações. “São os laços que situam cada um de nós em uma posição concreta entre os semelhantes, em função dos quais o ‘outro’ adquire um valor concreto para nós e nós para ele” (SACRISTÁN, 2002, p.108). Mais do que de encontros, somos seres de relações. Indaga-se, contudo, o que vai determinar a qualidade destas relações?

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na busca de autores que discutem a Educação enquanto prática que ultrapassa os muros da escola, que pensam o ser humano como ser relacional; que ressaltam a importância do outro na Educação. São os vínculos, laços, ligas, ligações que o constitui, (ROMÃO, 2018). Ligar-se é agir. Criar possibilidades de entrar em contato, informar-se, aprender e interagir são, de acordo com Wolton (2005), formas de ações pelas quais a sociedade contemporânea se vale. Assim, estamos, num só tempo, livres e ligados, em movimento e em contato. O autor explicita estas duas formas de estar inerentes ao humano: a liberdade e a relação.

Cada um quer poder escolher entre ligar-se ou não [...]. Estar ligado sem fios torna-se o horizonte da liberdade. Mas para fazer o quê? Para trocar! É nisso que, para lá da moda e do efeito de geração, encontramos a ligação o ideal da comunicação. Estar ligado é estar junto (...) Juntos ou ligados parecem ser as palavras-chave de uma sociedade de massa (WOLTON, 2005, p. 24).

No universo da comunicação também ocorre o seu reverso. Nesse reino está cada vez mais nítido que o risco da solidão é eminente e, este é o preço a pagar pela busca de liberdade de ser e de se ligar e, com efeito, fazer valer a ação de se comunicar. A comunicação implica “numa



reciprocidade que não pode ser rompida” (FREIRE, 2006, p. 67). Se for certo, porém, que a reciprocidade entre os homens é enaltecida na humanização da sociedade, é certo, também, que a solidão em meio a multidões nunca foi tão colocada a prova. Esta tensão afeta a humanização dos homens, a humanização da sociedade. Kehl (2003) faz a seguinte afirmação com base em Norbert Elias:

A sociedade dos indivíduos, para Elias, é montada sobre o esquecimento de nossa pertinência à comunidade dos nossos semelhantes; a violência e a intolerância, assim como o sofrimento neurótico e as patologias narcisistas, são a resposta sintomática a esse esquecimento (KEHL, 2003, p. 257).

O individualismo crescente tem prejudicado as relações humanas que se fazem no chão da existência, nos embates que a vida em sociedade proporciona, com tempos para derribar e edificar, chorar e rir, buscar e perder, guardar e jogar fora, estar calado e falar, como ensinou o rei Salomão (BÍBLIA, Eclesiastes 3, 3-7). Nessa sociedade de indivíduos, individualmente nós resistimos, e, com o mesmo vigor, nesta individualidade caio ou sou “caído”. Assim, o indivíduo parece ser o pior inimigo³ de si mesmo. “Todos os problemas em que podemos nos meter são assumidos como criados por nós mesmos [...]. Só podemos agradecer ou culpar a nós mesmos pelo que acontece de bom ou de ruim em nossa vida” (BAUMAN, 2008, p.17). O autor diz, ainda, com os fatores supra-individuais moldando o curso de uma vida individual longe dos olhos e do pensamento, o valor agregado de “unir forças” e “ficar lado a lado” é difícil ser reconhecido. Com efeito, as possibilidades de elevação da condição humana se encolhem e o mandamento humano compartilhado e em partilhas, é enformatado, é fragilizado ou até inexistente. Todas as articulações daí decorrentes, sinaliza a abertura de algumas possibilidades e a oclusão de outras (BAUMAN, 2008). Entre as possibilidades que se abrem dormita a elevação da existência humana.

A pertinência deste estudo caminha nessa direção e, portanto, se ampara na valorização do outro como fonte dos fragmentos humanos que permitem a passagem do ser menos para o ser mais. O outro é meu primeiro ensinamento. O outro é a fonte do que não sabemos. Com ele

3 Um desdobramento da ideia de que “O inimigo é o pior inimigo do cidadão” (TOCEVILLE, apud Bauman, 2008, p. 77)



passamos de um lugar para o outro. Espaços e tempos formais de ensinagem e aprendizagem têm como vocação cuidar da convivência humana, pois daí decorrem motes e métodos de transformação – de si e da realidade. Torna-se cada vez mais necessário cuidar das relações humanas sem o quê se cria grandes ocasiões perdidas – de diálogo, de comunicação, de educação. Paga-se um alto preço pelo afastamento entre Eu e o Outro(s), muitos dos quais dependemos mutuamente (KEHL, 2003). A vida cotidiana, dia a dia, dá provas de que sempre necessitamos de um outro.

Educação: sentido amplo e restrito

Fala-se em Educação diariamente. Este termo se tornou extremamente coloquial. É muito comum observar termo como mote de análise, conceitos e proposituras daí decorrente por diferentes cidadãos, seja ou não profissionais do ramo. Na perspectiva da formação humana é possível circunscrever o alcance da Educação? Muito e muitos falam sobre a Educação. “Aí cabe tudo”⁴ do mesmo modo que “cabem” todos⁵. Todos são educadores, todos julgam saber sobre a ação de educar. Mas sabem, inclusive os pedagogos, o que é Educação?

La palabra educación se pronuncia diariamente en cada escuela decenas de veces. La educación es tema de meditación y conversación cada vez más frecuente en la familia y en las organizaciones sociales. Pero, poseen todos los pedagogos y, tanto más, los padres una idea clara de lo que es la educación y, en consecuencia, de cómo hay que realizar la educación? (SUJOMLINSK, 1975, p. 57).

O autor mostra que a palavra educação, embora tema de conversações diárias e tão frequentemente pronunciadas nas mais diferentes formas de relações, ainda, assim duvida que estes atores sociais saibam do que estão falando. Esta suspeita mostra a dimensão da educação e, portanto, não se reduz ao espaço escolar. Aprende-se a todo momento e em diversas situações, e as relações de aprendizagem derivam das relações estabelecidas entre os seres humanos. O ensino, embora nem sempre

4 “E o que fica para nós professores”. Provocação feita pelo professor Arroyo mostra a amplitude que o termo abarca. (ARROYO, 2000, p. 68)

5 “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações sociais.” Art. 1º. LDBEN.



garante a educação que desta prática se espera, tem papel importante. Sujomlinsk (1975, p. 58), em suas análises sobre a Educação, pondera que não se deve pensar no ato de educar a alma humana sem levar em conta que “[...] el hombre ve, averigua, conoce, comprende en el proceso de la enseñanza [...]”.

Para Saviani (2003) a educação não se reduz ao ensino. Isto é fato. Nem sempre, porém, o ensino é educação, ainda que participe ou teria que participar da natureza própria do fenômeno educativo. Isto equivale dizer que todo professor nem sempre é educador, pois que nem todos eles educam, embora devessem educar. Assim, nem todos, no ofício de ensinar, educa. Educação e ensino se aproximam nesta ou naquela ação, mas nem sempre constituem ações que estejam a depender uma da outra. Trata-se, portanto, de dois termos semânticos distintos. Educação e ensino não são sinônimos e nem sempre ocorrem simultaneamente. Deste modo, Educação é de elevada abrangência e nesse campo abarca também o ensino, embora nem sempre ocorram simultaneamente.

La enseñanza es sólo uno de los pétalos de esa flor que, en la aceptación amplia del concepto, se llama educación. En la educación no hay elemento principal y elemento secundario, como no hay pétalo principal entre los muchos pétalos que crean la belleza de la flor. En la educación todo es importante: la clase, el desarrollo de los diversos intereses de los niños fuera de la clase, las relaciones de los alumnos entre sí (SUJOMLINSK, 1975, p. 56).

É interessante observar a sensibilidade do autor ao tecer esta comparação entre a Educação e a beleza de uma flor. Todas as pétalas são importantes na flor, da mesma maneira que tudo que acontece dentro e fora do espaço escolar é importante para o desenvolvimento educacional dos alunos. As interações que se estabelecem entre os alunos no contexto da escola e destes alunos com suas famílias, nos círculos de amizade, nos espaços profissionais, contribuem neste processo formativo. Educação é uma especificidade humana (FREIRE, 2006). O homem, todavia, nasce e por meio da educação se faz e evolui sua condição humana de ser. Educação não se faz, então, na superficialidade. É um trabalho de provocação. É nesses termos que cabe ao professor incitar o aluno na direção de que, mediante o material oferecido pelo professor, produza a compreensão do objeto. “Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, se



estabeleça” (FREIRE, 2006, 118). Para Sujomlinsk (1975), a palavra do educador é um insubstituível instrumento de influência sobre a alma do aluno. Esta advertência do educador russo revela a importância não somente da força da palavra, mas da capacidade daquele que educa, afetar o coração do aluno. A arte de educar implica acima de toda a arte de falar, dirigir-se ao coração humano.

É nesse sentido que educação implica na internalização dos meios pelos quais aquele que educa se vale para educar. É nesse âmbito que não há educação fora do humano e da ajuda do outro na feitura de si. Aretio e Corbella afirmam que “al hablar de educación, abordamos de forma inevitable el ámbito del ser humano. Reflexionar sobre educación sin mencionar al hombre es imposible, ya que toda educación se refiere a algo propio y exclusivo de la naturaleza humana” (2007, p. 23-24).

Somente o ser humano possui estas capacidades. Os outros animais crescem e vivem em seus habitats, sem internalizar coisa alguma e, com efeito, sem imprimir mudanças e tão pouco se permitem experienciar transformações. O máximo que pode acontecer, são estes animais serem adestrados e condicionados a executarem comandos a partir de um reforço. Já os seres humanos, em sua capacidade de pensar e agir com base em seus pensamentos, tanto podem ser alvos de mudanças como também agentes de transformação. Para o homem “[...] pasar del estado natural de hominización al de humanización” (ARETIO; CORBELLA, 2007, p. 24), é necessário receber a influência do outro, é necessário se relacionar, aprender com o outro para se fazer, tanto quanto possível, mais humano.

Estas mudanças e transformações estão relacionadas com o ato de educar, que remonta ao papel da família, onde, desde a antiguidade, os pais exerciam o papel de instrutores dos filhos, quando ainda nem se imaginava a existência de um espaço escolar institucionalizado. O rei Salomão em sua profunda sabedoria, destacou em seus escritos o seguinte conselho: “Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe. Porque serão diadema de graça para tua cabeça e colares, para teu pescoço” (BÍBLIA, Provérbios 1, 8-9), salientando a relevância dos princípios morais e espirituais ensinados oralmente no seio da família naquele contexto cultural e como metaforicamente, estes ensinamentos simbolizavam beleza e honra para aqueles que guardavam e praticavam.



Muito antes de ingressar na escola, a criança já entrou no processo de educação. Desde o berço com sua “ama de leite”, sua relação com sua mãe e os demais membros da família. Sabe-se, desde os tempos mais remotos, que a escola não é o único espaço a educar, nem o melhor espaço em que a educação acontece. Ainda que o direito a educação escolar seja proclamado e difundido por todos. Aproximadamente a quatrocentos anos, Comênio (1957) já afirmava que o homem necessitava de educação para que fossem homens, não animais ferozes nem troncos inertes.

Na contemporaneidade, tanto a família, como a escola e demais espaços formais e informais de Educação, são responsáveis pelo ato de educar o ser humano nas suas mais variadas facetas e peculiaridades. Um dos principais traços que o ser humano possui é o seu “[...] inacabamento, es decir, *su plasticidad y su inmadurez*. Estas cualidades que para muchos significó, como hemos visto, la debilidad del ser humano, son las que fundamentan, sin duda, su grandeza” (ARETIO; CORBELLA, 2007, p. 28, *grifo dos autores*), uma vez que o homem nasce por fazer-se, com infinitas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento, e é nisto que se fundamenta o papel da Educação. Saviani destaca que:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2003, p. 13).

Nesta perspectiva, o principal objetivo que deve motivar o ato de educar é tornar o homem humano. Possibilitar, assim, que este ser repleto de potencialidades desenvolva os recursos de que é capaz, conhecendo, tanto quanto possível, a si e ao outro. No estabelecimento destas relações é mister saber-se de si e do outro como seres humanos a partir da internalização dos elementos culturais que se encontram no seu entorno. Wolton (2005, p. 99, *grifo do autor*) analisa que o processo de globalização encurtou as distâncias físicas e revelou “[...] a *extensão das distâncias culturais*, [...] descobrindo que somos muito diferentes à medida que nos aproximamos”. Assim, conhecer a si e ao outro, não ocorre por inteiro. Muitos já experimentaram o espanto frente ao outro que julgava conhecer



sem ter conhecido, mais ainda quando o julgava familiar. Exatamente por ser familiar, ensina a filosofia hegeliana, parece estranho. Esta afirmativa aproxima-se, resguardando as devidas proporções, de Whitman quando declara:

Quando li o livro, a famosa biografia,
Disse: é isto o que o autor chama a vida de um homem?
Como se algum homem conhecesse realmente a minha vida,
Quando eu próprio conheço tão pouco da minha verdadeira
vida,
Apenas vislumbres, alguns indícios difusos e vagos
Que procuro expor aqui (WHITMAN, 2003, p. 18).

No caminho perscrutado para o conhecimento de si (SOUZA, 2006), a educação ocupa um papel importante, ainda que este papel nunca se finde e, portanto, o homem nunca se conhecerá por completo. É a incompletude que movimenta a passagem do ser desconhecido para aquele, tanto quanto possível, conhecido, do ser menos para o ser mais. Na medida em que fragmentos humanos vão se compondo, tanto mais sabidos de si vão se tornando. Acabados e prontos? Nunca. Aquele que se julga pronto, já advertia o ideário freiriano, “está pronto pra morrer”. E nem assim, acrescentamos, estará pronto.

Quando Comênio (1957) justifica a necessidade de uma didática que ensine “tudo a todos”, quis pôr em destaque não apenas o essencial na arte de ensinar, mas um ensino que permita uma “sólida utilidade” e garanta os fundamentos que “mergulhem bem fundo”. Que permita a compreensão de saberes articulados, “sem os separar”. O autor, numa era em que as escolas valorizavam em demasia a quantidade do conhecimento acumulado, adverte a desnecessidade de exigir todo conhecimento “de todas as ciências e todas as artes, em particular, se se trata de um conhecimento exato e profundo.” Explica o autor, em razão de, “em sua natureza, ser útil, em razão, ainda, pela brevidade de vida, é possível a qualquer dos homens” (COMÊNIO, 1957, p. 145). Insistir nessa prática, então, é uma tortura uma vez que o homem nem tem capacidade, nem tempo de vida suficiente para saber tudo. Nascermos nada e tudo nunca seremos. A educação nasce da necessidade de nos fazermos humanos, de bocadinho, em bocadinho. Por essa perspectiva, justifica-se a relevância da Educação. Nada é mais significativo em nossa existência do que nos tornarmos naquilo para o que nascemos, ou seja, humano!



Pensar em Educação remete à base etimológica desta palavra. Aretio e Corbella (2007, p. 31, *grifo dos autores*) apontam que este termo possui suas raízes no latim com base na composição de duas palavras: “*educare*, que significa alimentar, criar, guiar... *educere*, em cambio, implica sacar fuera, extraer...”, e discorrem que o termo *educare* reporta a uma ação externa ao sujeito que se educa e a expressão *educere* diz respeito a uma participação do sujeito no seu processo de formação, uma vez que remete à ideia de desenvolvimento de capacidades individuais. Ainda sobre esta análise, com base em Sanvisens (1984), os autores afirmam que estas duas expressões não se contrapõem, pelo contrário, “[...] tanto un vocablo como el otro provienen de la raíz indoeuropea ‘duco’, que significa tirar, sacar, traer, guiar..., justificando, de este modo, la complementariedad de ambas” (SANVISENS, 1984, apud ARETIO; CORBELLA, 2007, p. 32). Portanto, refletir sobre a Educação nesta ótica remete a se considerar que a formação do sujeito humanizado pressupõe uma via de mão dupla. Tanto é necessária a presença daquele que educa, exercendo um papel externo ao sujeito, quanto é vital o olhar individualizado do sujeito para dentro de si, para o mundo e para o outro. Aretio e Corbella (2007, p. 32, *grifo dos autores*), trazem luz a esta questão ao afirmarem que “se trata de heteroeducación y autoeducación, aunque creemos que sería más apropiado hablar de educación y madurez. Es decir, *proponer y guiar a cada individuo en su proceso de convertirse en persona*”.

Educação e Comunicação: aproximações enoveladas

A comunicação existe desde que os homens vivem em sociedade, isto é, desde sempre (WOLTON, 2005).

Não é de hoje que a aproximação entre educação e comunicação se dá. Mas, ainda, falta muito para que a comunicação tenha sua salvação garantida. Assim como falta muito para que Educação Pública e de qualidade seja contemplada como um bem de todos, fonte genuína de cidadania. Nem um, nem outro parece ser um “valor central” na “sociedade individual”, marcada por “solidões interativas”, quando não pela individualização que promove a “lenta desintegração da cidadania” (BAUMAN, 2008, p. 66). O homem se faz humano ao entrar em comunicação, em trocas dialogais, em comunhão. Nos embates da



convivência, nas trocas cotidianas, o homem vai se construindo. Para Freire “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (2006, p. 69). O autor reporta nesta afirmação a elementos básicos da comunicação: diálogo e encontro. Não existe comunicação sem estes dois elementos, mesmo que o diálogo e o encontro não sejam presenciais, mas para ocorrer a comunicação, são essenciais, da mesma maneira que não se educa sem esta troca.

[...] dizendo a palavra o mundo se pronuncia, se expressa e se eleva, é certo, igualmente, dizer que o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens elevam sua existência e a sua condição de ser. Toda criatura humana é necessariamente dialógica a medida que constrói sua plena realização apelando para o outro, com o outro, em comunhão com o mundo (ROMÃO; NUNES, 2012, p. 206).

Nesse ponto educação e comunicação se encontram, pois do mesmo modo que não há educação sem o outro, inexistente comunicação sem a presença da voz e a voz é o outro – emissor e receptor. Não há comunicação sem respeito do outro, do receptor que, por sua vez, precisa responder. A dinâmica da comunicação não é tão diferente da educação. O trato como o outro é de elevado significado. A partir dele o homem vai se construindo enquanto ser humano, na expressão da linguagem verbal, na demonstração de afetos e desafetos, no processo de autodescoberta e no conhecimento do outro. Castillo destaca que a “[...] relación pedagógica es en su fundamento una relación entre seres que se comunican, que interactúan, que se construyen en la interlocución [...]” (2003, p. 82) e que a profissão docente está impregnada de elementos da comunicação, sem o que perderiam os fragmentos para a feitura humana. Vivemos, todavia, em uma era que as organizações humanas estão ameaçadas. As pessoas “acham incrivelmente difícil relacionar-se umas com as outras” (STOTT, 2005, p. 102). Na visão do autor o ser humano está cada vez mais isolado em si mesmo e distante do outro. Desse modo cria uma contradição irreparável dada a relação intrínseca que existe entre o processo de humanização e as relações sociais, dentre elas, as relações educativas. Kehl (2003), ao analisar o pensamento de Norbert Elias sobre o processo civilizatório, afirma:

Uma sociedade composta de indivíduos é o resultado desse processo civilizador, ao fim do qual cada homem se crê isolado dos outros e responsável pelo controle soberano de



seu corpo, impulsos, afetos e necessidades. Este é o sujeito moderno, que não reconhece sua pertinência a uma comunidade e sua dívida para com os semelhantes, vivos e mortos (KEHL, 2003, p. 252).

Este homem moderno tem dificuldades para estabelecer vínculos afetivos, de construir um sentimento de pertencimento em suas comunidades, de se permitir ser humano. Este contexto de vida tão individualizada, afeta todos os espaços sociais, inclusive o espaço escolar. “Importa que a sociedade humana, aquela que supera o individualismo ególotra, medo alucinado de ficar para trás e perder ou dividir o (ciber)espaço, torne-se capaz de com(partilha)mento” (ROMÃO, 2017, p. 47). Por mais que a modernidade acelere o ritmo de vida da sociedade e a padronização do tempo tenha buscado adequar este homem a este contexto produtivo, é mister (re)construir o olhar na contracultura deste movimento, subvertendo esta ordem. É necessário e vital se restabelecer os elementos da comunicação, permitindo ao ser humano conhecer a si e ao outro.

Comunicar demonstra o reconhecimento da necessidade do outro e a aceitação do risco do fracasso. É por isso que os gatos, os cães e os computadores têm tanto sucesso nas nossas sociedades de liberdade e de solidão. Com eles pelo menos, nunca nos decepcionamos. [...] Com os seres humanos, é tudo muito mais complicado e arriscado. Não estão onde esperamos que estejam, resistem, confrontam-nos muitas vezes com um aspecto desagradável de nós mesmos, dispõem de autonomia, e obrigam-nos à modéstia (WOLTON, 2006, p. 132).

É por isso que a vida e os relacionamentos humanos são tão intensos, muitas vezes desgastantes e repletos de singularidades. Viver a vida por esta perspectiva requer partilha, mutualidade e tolerância, porque o homem só se torna indivíduo na relação com o outro. “No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares” (ARENDT, 2007, p. 224). Na percepção do outro, o homem se faz humano, como ser único, e “essa distinção singular vem à superfície no discurso e na ação” (ARENDT, 2007, p. 225). Por meio das palavras e das ações o homem se comunica, estabelece uma aproximação com o seu semelhante, cria uma rede de



interações e se insere no mundo. E, mais que isso, mostra-se, apresenta-se, diz quem é.

Romão, enfatiza que “é o outro que me (in)completa e, portanto, me educa – nos espaços da família, da escola, da sociedade. O outro me educa porque toda aproximação gera o conflito, tende a desassossegá-lo” (2014, p. 1076). Este desequilíbrio provocado pelos embates gerados nas aproximações que são peculiares aos relacionamentos, permite um (re)pensar tanto do olhar sobre si como o olhar para o outro.

A educação produz e eleva a condição humana, possibilitando a ação significativa na sociedade, “para a felicidade e a plena cidadania”. Cidadania, cidade, cidadãos, lugar de gente, de encontro, de enredamentos, de uma rede de relações, de descobertas - eu/outro. O outro nos faz, nos cria, nos educa, em diferentes espaços em que o outro nos percebe e nos multiplica. Cada um de nós reflete porções de sociedade em toda sua dimensão (ROMÃO, 2014, p. 1076).

O homem foi criado para viver em sociedade, e é na experimentação da vida coletiva, nas trocas sociais, que ele se educa, se constrói. A Educação possui um papel relevante nesta feitura do ser humano. Castillo afirma que a “[...] educación está en la base de nuestra humanización” (2003, p. 83). Por meio dos relacionamentos estabelecidos nos diversos espaços de socialização o fenômeno educativo acontece. Na caminhada da vida, no cotidiano da existência, nos espaços formais e informais se aprende a ser humano, se aprende com o outro, se aprende sobre si. Arroyo salienta que “[...] ninguém nasce feito. Nos fazemos, nos tornamos gente. [...] Não nascemos humanos, nos fazemos. Aprendemos a ser. Todos passamos por longos processos de aprendizagem humana” (2000, p. 53). As relações estabelecidas permitem o conhecimento de si a partir do conhecimento daquele com o qual nos relacionamos. Os homens são iguais e diferentes, por isso são seres plurais e esta singularidade humana se traduz na ação e no discurso (ARENDRT, 2007), e assim a vida vai sendo construída nas experiências de aprendizagem e formação.

Na palavra e na ação, o ser humano afirma quem é e qual o lugar que a Educação ocupa em sua vida. Quando o encontro entre a palavra e a ação se reveste de significados, o discurso materializa o que realmente faz sentido para a vida. Os relacionamentos são construídos a partir do que é relevante, do que aproxima, as incompletudes de cada um servem para somar. Na itinerância do caminhar as aprendizagens e os processos



formativos vão se delineando, tomando forma gradativamente, para nunca se completar, porque na trama da vida, nunca nos completamos, mas cada trecho da trajetória deve deixar marcas na existência.

À guisa da conclusão

Sobre o ato de educar e a prática discursiva Sujomlinsk ressalta com sensibilidade que a “arte de educar connota ante todo el arte de hablar, de dirigirse al corazón humano” (1975, p. 79). Os atos e as palavras são elementos essenciais na comunicação. Se estes elementos são usados de maneira que o coração seja tocado, a vida será construída com base em valores eternos. A Educação não será apenas um ato mecânico, mas se revestirá de um profundo significado. Nos diversos espaços onde o fenômeno educativo acontece, onde o processo de humanização é materializado, é importante que algo mais profundo seja revelado nas trocas estabelecidas. É necessário regar a comunicação com afeto, plantando palavras de sabedoria experienciando ações que proporcionem sentido à existência.

O apóstolo Paulo, exorta os cristãos em relação ao uso da palavra como um elemento facilitador de relacionamentos: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um” (BÍBLIA, Colossenses 4, 6). O sal quando adicionado em um alimento deve ser na medida certa, se for em excesso ou demasiadamente pouco, não ficará bom, é necessário moderação, para que o sabor seja agradável ao paladar. Assim devem ser as palavras quando pronunciadas, precisam ter sabor, não importa a situação em que sejam verbalizadas. O ato de falar pressupõe a existência do outro, um discurso ao ser proferido, será ouvido por alguém. Por isso o uso da fala com sabedoria, enquanto elemento crucial da comunicação, pode gerar aproximações e propiciar aprendizagens significativas.

Assim, pensar a Educação na perspectiva da melhoria e elevação da condição humana remete ao pressuposto de que ninguém se faz sozinho, mas o homem se constrói outramente, na caminhada, nas interações estabelecidas na trajetória da vida, se fazendo gente ao se relacionar com gente. Manifestando e compartilhando o que sente, o que toca. Ensinando, aprendendo, acolhendo, cuidando, caminhando. Conhecendo o outro e se fazendo, tanto quanto possível, conhecido. Olhar a Educação e as



possibilidades de humanização que daí decorrem, alimenta a esperança para que a sociedade individual venha obnubilar a sociedade que agrega, que cria laços, ligas ligações e tem lugar cativo para sua humanização. Nas relações humanizadoras é possível fazer caminhar nessa direção. No caminho em que o caminheiro caminha em partilha, acolhe o outro e acarinha o conhecimento. Sem, todavia, descurar da relação de si e do outro, pois que o outro me faz ser e sentir para além de mim. “O real, a realidade da vida, o fundamento do universo fora de mim e à minha volta e por toda parte: o outro! O meu outro e o mundo-e-agora que habitamos juntos ele e eu” (BRANDÃO, 2005, p. 168). Tanto mais o outro é elevado, tanto mais educação e comunicação aproximam-se e maiores são as possibilidades de fazer da sociedade individual tanto mais cidadã e humanizada.

Referências

- ARENDRT, H. A revelação do Agente no Discurso e na Ação. In ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 224-230.
- ARETIO, L. G.; CORBELLA, M. R. El Concepto de Educación. In: RUBIO, R. M. (et. al.). **Teoría de la Educación. Educación Social**. Madrid, Espanha: Librería UNED, 2007, p. 21-47.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAUMAN, Z. **A Sociedade Individualizada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BÍBLIA, N. T. Colossenses. In: BÍBLIA. **A Bíblia da Mulher: leitura, devocional e estudo**. Almeida Revista e Atualizada. 2. Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 1921-1929.
- _____, A. T. Eclesiastes. In: _____. **A Bíblia da Mulher: leitura, devocional e estudo**. Almeida Revista e Atualizada. 2. Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 1058-1075.



_____, A. T. Provérbios. In: _____. **A Bíblia da Mulher: leitura, devocional e estudo.** Almeida Revista e Atualizada. 2. Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 997-1057.

BRANDÃO, C. R. **Aprender o Amor.** Campinas: Papirus, 2005.

COMÊNIO, J. A.. **Didática Magna.** Praga: Academia Scientiarum Bohemoslovenica, 1957.

CASTILLO, D. P. Presencia de la comunicaci3n educativa. In: APARECI, R. (org.). **Comunicaci3n Educativa em la Sociedad de la Informaci3n.** Madrid, Espanha: Libreria UNED, 2003, p. 79-95.

FREIRE, P. Extens3o ou Comunica3o? In: _____. **Extens3o ou Comunica3o?** S3o Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 65-93.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necess3rios 3 pr3tica educativa.** S3o Paulo: Paz e Terra, 2006.

KEHL, M. R. As m3quinas falantes. In: NOVAES, A. (Org.). **O homem-m3quina: a ci4ncia manipula o corpo.** S3o Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 243-259.

ROM3O, E. S. **O eu e o outro nos espa3os e tempos de desassossegos: forma3o e a(tua)3o docente.** I FLORES, M. A., COUTINHO, C., LENCASTRE, J. A. (Orgs.). ATAS DO CONGRESSO FORMA3O E TRABALHO DOCENTE NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM. Braga, Portugal: CIEC, UMinho, 2014, p. 1071-1081.

_____. A educa3o do educador na sociedade maquina: a 3tica e est3tica da doc4ncia e do desejo de docender. **Filosofia e Educa3o,** Campinas, v. 10, n. 1, p. 58-89, 2018.

ROM3O, E. S.; NUNES, C. A comunica3o na “Era do Pr3ncipe Eletr3nico”: a EAD como desafio pol3tico e pedag3gico. In: OLIVEIRA, M. O. de M.; PESCE, L. (orgs.). **Educa3o e Cultura Midi3tica.** Salvador: EDUNEB, 2012.

ROM3O, E. S., TRINDADE, R.; MENEZES JUNIOR, C. (Com)viver em rede e aprender enredado: desafios para did3tica on-line. In: SOBRAL, M. N.;



GOMES, C. M.; ROMÃO, E. (orgs.). **Didática on-line: teorias e práticas**. Maceió: Edufal, 2017.

SACRISTÁN, G. **Educar e Conviver na cultura global: exigências da cidadania**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

SAVIANI, D. Sobre a Natureza e Especificidade da Educação. In: _____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003, p. 11-22.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

STOTT, J. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**. Tradução Silêda Silva Steuernagel. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2005.

SUJOMLINSK, V. **Pensamiento pedagógico**. Tradução Arnaldo Azzati. Moscou, URSS: Progreso, 1975.

WHITMAN, W. Quando li o livro. In: **Folha de Erva**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

WOLTON, D. **É preciso salvar a comunicação**. Casal de Cambra, Sintra - Portugal: Caleidoscópio, 2005.

Recebido: 02/05/2018

Aceito: 19/07/2018

